

I CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS

1. ESTILO PROPRIO DE ESTUDO EM UM PLANO UNIVERSITARIO



Se pretendermos falar em problemas de estudo e ensino universitário, impõe-se que assentemos as considerações que vamos fazer na concepção de Universidade.

Em tudo que vai seguir-se consideramos a Universidade como uma Instituição de docentes e discentes que, através de um trabalho de colaboração ~~apreciada~~^{com}, que desempenhar dentro da sua esfera de acção as seguintes funções específicas, como assinalam as conclusões do XIX Congresso da Pax Romana reunido em Madrid em 1945:

- a)- Formar uma mentalidade científica, um sentido crítico e hábitos de trabalho metódico que a ciência exige
- b)- Dar as bases necessárias para uma competência profissional
- c)- Desenvolver a investigação
- d)- Formar o sentido da responsabilidade própria, da responsabilidade perante a sociedade e da responsabilidade perante Deus.

Da definição que demos de Universidade resulta que nesta forma de ensino superior se exige por parte do universitário um esforço activo na aquisição do saber.

Enquanto aluno de Curso Médio, o estudo limitava-se a uma forma aquisitiva de conhecimentos e o que mais importava era que esses conhecimentos ficassem retidos de memória; num curso superior

or, algo de diferente se exige. Para o universitário, estudar não é fixar; o universitário tem que criar um processo de estudo criar hábitos de vida intelectual e isso é, sem dúvida, bem mais importante do que a simples retenção dos conhecimentos,

Ser universitário é uma qualidade que se adquire, ~~é~~ não uma situação que se pode ^{legalizar} graças a ~~estas~~ formalidades ^{burocráticas} ~~de~~ ~~se~~ ~~de~~ ~~se~~ ~~de~~ como diria o Prof. Delfim Santos,

Importa pois, fazer distinção entre estas duas categorias de alunos: uns - escolares e outros - estudantes, porque uns e outros têm, certamente, comportamentos diversos,. O escolar procura saber " feito ", o estudante, pelo contrário, tem de trabalhar para ir ele próprio ao encontro do saber e, portanto o seu estudo é esforço progressivo na aquisição do conhecimento,.

Se assim é, ser estudante pressupõe a existência de uma vocação especial, uma vocação que, como todas as outras, é a resposta a um chamamento. E, se como diz o Pad. Sertillange " a Vocação é qualquer coisa que está inscrita nos nossos sentidos, nas nossas aptidões naturais em um não sei que entusiasmo interior sujeito ao exame da razão ", e se a Vocação pressupõe sempre um conjunto de qualidades que permitam realizá-la, é evidente que aquele que foi escolhido para o caminho do saber, para o campo ^{em} que a inteligência tem um papel preponderante importa reconhecer ^{qualidades especiais:}

- um amor à verdade, audacioso e forte que o lance na sua descoberta ~~original e independente~~;
- um ^{senso} ~~juízo~~ crítico e ^{uma} ~~agudeza~~ de espírito necessários para distinguir o erro da verdade e, ~~simultaneamente, uma capacidade~~ ^{tal que lhe permita integrar os conhecimentos} ~~parciais~~ num todo harmonioso, numa síntese cultural;

e, ainda





qualidades morais que assegurem que ele está disposto a vo-
 car-se ao serviço dos outros, servindo-lhes de guia, de orienta-
 dor, de chefe.

Quando falamos em descoberta da Verdade, não pretendia-
 mos referir-nos à descoberta de novos caminhos ou de novas leis;
~~isto porque os verdadeiros universitários não tentam~~
~~descobrir coisas novas, quisemos referir-nos a uma certa~~
 iniciativa na aquisição do saber, aquilo a que o professor Pai-
 va Boleo, chamou "pessoalidade" no estudo, ou seja, uma capacidade
 de assimilação pessoal daquilo que se leu ou que de qualquer mo-
 do chegou até nós. Neste sentido, não têm amor à verdade aqueles
 que se limitam ao estudo por compendio ou sebenta, tão pouco aque-
 les que colhem uma ideia aqui, outra ali, convencidos que irão
 aparentar um vasto campo de conhecimentos, ou seja aqueles alunos
 a que o citado professor chamou de "kerzidura".

O verdadeiro universitário reconhece-se por um desejo grande
 de saber, por um entusiasmo e vigor na procura de tudo o que pos-
 sa contribuir para o conhecimento da verdade. Para isso tenta to-
 dos os meios e não se serve apenas daquelas práticas que a rotina
 consagrou por mais cómodas, não se limita também a obras de segun-
 da ou terceira categoria, mas busca beber nas fontes. Procura pen-
 sar, refletir e fazer "seu" o que aprende.

Este ^{tipo} de aluno é o estudante e, é evidente, que numa Universi-
 dade autentica só existem estudantes,

4
portuguesa

Vejam os agora o que se passa em relação à Universidade actual
Olhando em redor ^{deparamos com uma} vemos que a maioria ^{que} não tomou sequer consci-
ciência ^{do que há de específico na} ~~da~~ sua missão de universitários. A maior parte faz da Uni-
versidade a continuação do ensino médio e assim se justifica o
apego muito maior ao livro de texto, à sebenta, ao trabalho de
simples retenção de memória, ~~maxima~~ e preparação imediata de exa-
me do que apego aos métodos de trabalho e estímulo das qualidades.
Daí que se tomem como certos todos os pontos de vista dos pro-
fessores e se procure repeti-los ^{em} nos exames, por forma a agradar
ao professor respectivo, daí que o consultar de bibliografia se-
ja feito apenas por obrigação, quando o exige o exame de determina
da cadeira, daí que o apresentar trabalhos não obrigatórios seja
obra de raríssimas excepções; ^{de} ^{tantos} outros índices que se podem com-
provar através de inquéritos.

Ver mapa n.º 1, 2 e 3

Perante o que acabamos de analisar uma pergunta se levanta:

A quem cabe a responsabilidade?

Diz o Prof. Bensaúde, e queremos acreditá-lo: "o aluno portu-
guês não é menos esperto que os seus colegas estrangeiros e as
deficiências que se notam no seu rendimento como universitário, de-
vem imputar-se a um sistema de educação essencialmente verbalis-
ta que vem já do ensino secundário. "

Com efeito, o aluno faz as últimas provas do liceu e entra
na Universidade por razões que nem sempre são a expressão de uma
vocação intelectual, convencido que lhe interessa muito mais obter
um "canudo" ou a curto prazo um diploma de exame do que conseguir
uma preparação séria, consciente, que lhe permita tornar-se um va-
lor. Ver quadro n.º 4



5- 2
A Universidade ^{depara logo,} ~~contrapõe~~, ^{logo} desde ~~na~~ na formação que pretende dar ao universitário, com um dado negativo e assim a sua primeira acção terá que ser ~~um~~ contrabalançar de tendências com que se apresentam ^{quantos} ~~aqueles~~ que vão procurar o ensino ^{superior.} ~~universitário~~.

Por outro lado, a Universidade também não foge a este ensino verbalista, ao ensino da imagem; continua, como diria o economista Eucken, apegada ao mapa em vez de estudar o terreno.

Acontece assim que vamos encontrar no ensino superior professores que fazem as suas lições, lendo por livro de texto ou, o que é pior, ditando apontamentos e, depois se satisfazem e concedem passagem ^{tes decorado} ~~saber~~ aqueles dos alunos que mostrarem os ensinamentos expostos. Cite-se também o caso não raro de, em certas ocasiões, o programa respectivo não ser conhecido pelos alunos. Como se há-de fazer um estudo universitário, se o aluno não sabe qual o caminho a seguir? não tem outros elementos para consulta, senão aquilo que o professor diz nos 50 minutos de cada aula? Além da desorganização que isto provoca em quem gosta de traçar logo no início do ano um programa de estudo, acresce ainda o factor psicológico, não menos importante. Daí a queixa, por vezes exagerada, daqueles que estudam e não sabem bem quê...

Ver quadro nº 5



II. PROBLEMAS PREVIOS DO ENSINO UNIVERSITARIO

a) - Admissão à Universidade

Cada ano, acontece à Universidade, em massa, a maior parte ^{dos} daqueles que acabam o curso médio. Isto é um facto. Ver mapa nº 6

Uns apresentam-se com uma média X, condição necessária e suficiente para que se ingresse, sem mais na Universidade; outros não ~~atingiram~~ ^{alcançaram} a média ~~atingida~~ ^{exigida} e sujeitam-se a umas provas de admissão.

Primeira pergunta:

Todos os que atingiram ~~a~~ ^a média ^{estabelecida} terão qualidades de universitários?

Responder com afirmativa era contrariar tudo quanto dissemos, era admitir que podíamos medir uma situação - escolar, e uma outra - estudante, pela mesma escala de valores. Ora, uma média elevada, obtida com fundamento em provas de escolaridade constitui, é certo, um índice, mas apenas um, da valorização do aluno. Sem dúvida na maioria dos casos essa média garante ^o ~~o~~ mínimo de conhecimentos ^{que sabem que} ~~que~~ ^{quem} ~~deve~~ ^{exigir} a ~~quem~~ ^{que} pretende frequentar um Curso Superior. Mas importa ir mais além e avaliar da capacidade de trabalho do novo aluno, do seu grau de inteligência, das suas qualidades morais - porque o exame de admissão ^{deve} ~~deve~~ permitir o acesso ^{a todos os} ~~aqueles~~ ^{que} têm uma vocação intelectual ^{mas} ~~que~~ só a ~~exige~~ ^{exige} eles.

De como não é uma média X condição suficiente para ingresso numa escola de ensino superior, cite-se o que se passou com o movimento de entradas e conclusões de curso dos alunos do



Fundação Cuidar o Futuro

7

I.S.T. no periodo de 1937 - 1938 a 1951-1952. Ver quadro nº 7

Os dados anteriores, ~~obtidos~~ ^{ativos} referem^{tes} ao ingresso de novos alunos podem ser representados por uma curva, com um máximo bem evidenciado, no ano de 1945 a 1946. Este ~~acontece~~ ^{máximo} justifica-se por ~~uma~~ ^{uma} disposição legal que autorizou a entrada naquele Instituto, sem exame de admissão, dos alunos que apresentassem uma média superior a 14.



Pois bem; acompanhando o movimento das conclusões do curso, seria lógico esperar ~~que~~ ^{um aumento} em 1951-1952, ~~uma~~ ^{proporcional} ao aumento nas ~~entradas~~ ^{entradas} das 6 anos ~~antes~~ ^{antes}. Os ~~números~~ ^{números} provam, porém, que ~~assim~~ ^{assim} não aconteceu. ~~Os dados anteriores são muito sugestivos e interessantes.~~

Mais sugestivo, embora sujeito a maiores erros, é a comparação das percentagens ~~obtidas~~ ^{obtidas} ~~de~~ ^{de} ~~admissão~~ ^{admissão} ~~em~~ ^{em} ~~1951-1952~~ ¹⁹⁵¹⁻¹⁹⁵² ~~com~~ ^{com} ~~as~~ ^{as} ~~anteriores~~ ^{anteriores}. Todas elas se mantêm, como se poderá analisar, superiores a 50%, com exceção para aquele curso de 1945-1946 a 1951-1952 em que desce ~~para~~ ^{para} 23%.

Fundação Cuidar o Futuro

~~Os dados~~ O exemplo é suficientemente sugestivo para dispensar comentários.

Queremos nós, com isto, significar que pretendemos exigir ~~um~~ ^{um} ~~exame~~ ^{exame} ~~de~~ ^{de} ~~admissão~~ ^{admissão} ~~para~~ ^{para} todos os universitários. ~~Para~~ ^{sejam obrigados a um} ~~exame~~ ^{exame} ~~de~~ ^{de} ~~admissão~~ ^{admissão}.

~~É do conhecimento de todos que os exames, ou escritos ou orais, incidem sobre algumas matérias consideradas fundamentais para o curso, por eles se pode avaliar — se dois ou três dias de provas acuciosas permitem — o grau de conhecimentos do aluno. Continuamos com o sistema de provas repetidas, provas de escolaridade, não de aptidão universitária.~~

A resposta a esta pergunta dependerá de que concluirmos de duas novas inter-
rogações:

- O que pretendemos medir com provas prestadas ~~amxaxaxaxadaxadaxissãx~~ no limiar da Universidade?
- Haverá provas eficientes para avaliar o grau de aproximação de cada candidato ao nosso modelo, por outras palavras, um exame de admissão será uma media capaz de traduzir com um minimo de rigor o fim em vista?

Quanto à primeira já dissemos o ~~exame~~ ^{dirigir-se predominantemente à capacidade para o trabalho intelectual, deve} ^{bastante} - o exame de admissao deve visar antes as qualidades para o ensino superior do que o grau de enciclopedismo do novo aluno, ~~destruindo a possibilidade de~~. O seu valor é prognóstico e é tanto maior quanto os juizes formulados ex-ante ~~de~~ ^{menor} ~~deve~~ acusem ex-post ^{de} margem de erro.

No aspecto teórico quase todos os autores estão de acordo. Diz-se por exemplo no Regulamento da Faculdade de Direito (que, aliás não está em vigor nesta parte): "nenhum aluno poderá ser matriculado no primeiro ano das faculdades de Direito sem exame de admissão que consistirá de provas escritas e orais destinadas sobretudo a apreciar o grau de desenvolvimento de espirito do candidato". Por este diploma ~~se~~ ^{para os} ~~boça-se~~ a tendência ~~de~~ ^{para os} princípios que expusimos, no sentido de se procurar saber das qualidades do candidato e não somente dos seus conhecimentos acumulados

Com ~~essa~~ ^{tal} finalidade, as provas de admissão não só se justificam, como deverão tornar-se ~~obrigatórias~~ ^{obrigatórias a} ~~para~~ todos os novos alunos e qualquer que ~~seja~~ ^{seja} a média obtida no ensino secundário. Teriamos assim uma primeira escolha daqueles que se apresentam na Universidade e que - os resultados estão à vista - estão longe de possuir qualidades de universitários.

Resta responder à segunda questão:
Na forma actual, (será quase absurdo diz-lo tão evidente se patenteia a realidade) as provas de admissão não satisfazem, nem de longe, ao fim que lhe assinalá-
mos. Quando outros indices não tivessemos, servir-nos-iam os resultados obtidos nos exames de admissão tal como eles se realizam.

Vimos já que grande parte dos que acabam o ensino médio procura transitar pe-



Fundação Cuidar o Futuro

10
ra a Universidade. A Universidade por ^{seu} ~~seu~~ lado, concorda tacitamente com este procedimento e assim é que nos exames de admissão as percentagens de aprovações são muitíssimo elevadas. Ver quadro nº. 8

Percentagem das aprovações em exames de admissão ^{em 50-51} foi em Coimbra 67%, em Lisboa 70%, no Porto 85%. ~~Estes são aprovados.~~ ^{os} Juntamos agora ~~apenas~~ que foram dispensados de ~~passar~~ exame de admissão e ficaremos de posse de um número elevado de alunos, cuja vocação intelectual não está de forma alguma assegurada. Daí o "falhar" com que se depara a cada passo, e, ^{falso} ~~isso~~ importante, uns falharão, porque não tinham realmente aptidões, outros porque embora com qualidades latentes perderam-se na grande massa por não encontrarem ambiente propício a um desabrochamento. ^{É mais! Há} aqueles que uma vez tendo ingressado num curso superior querem diplomar-se e ^{que} vivem em boas condições económicas, entram em regimen de insistência e levam 8, 10 anos a tirar um curso de 4 ou 5; tiram-no, por fim, não porque tenha surgido para eles na última hora, uma vocação universitária, mas porque em regimen de provas repetidas a probabilidade de êxito é maior.

Fundação Cuidar o Futuro
Numa altura de super-população universitária, o problema tem particular agudeza, porque a Universidade, agora como nunca, em que tantos valores se encontram invertidos, tem o dever de estar atenta a que o recrutamento de novos elementos se fundamente numa pureza e rigor de critérios com outra base que não seja a capacidade pessoal do novo aluno.

Procuraremos seguidamente esboçar algumas técnicas já experimentadas, simples sugestões do que poderia tentar-se nesta matéria. Com elas pretendemos mais lançar a inquietude, despertar interesses a quem tenha competência neste campo do que formular um critério pessoal de selecção pré-universitária, para o que não nos sentimos com capacidade. Vemos o problema, adivinhamos a sua transcendência... quanto a soluções, acreditamos que existem ...

Como é fácil ver o problema não é específico da Universidade portuguesa e acontece mesmo que em algumas Universidades estrangeiras se entrou já na experiên



cia de novas técnicas de selecção. Serão essas tentativas que iremos citar, basean-
do-nos num livro do professor Emile Planchard, da Universidade de Coimbra.

Começaremos pela experiência do Prof. Nuttin da Universidade de ~~Montana~~ ^{Montana}, e qual

~~A sua classificação incidiu sobre estudantes de Direito e Medicina, e baseou-se nos resultados obtidos no ensino secundário. Pondo de lado os factores que influíram nessa classificação, o autor repartiu os alunos observados por 4 categorias, por forma que cada uma delas comportasse 25% dos alunos classificados por ordem crescente de mérito. Seguidamente o autor acompanhou os resultados destes estudantes na Universidade e verificou que havia um paralelismo entre os resultados no ensino secundário e no ~~ensino superior~~ ^{no ensino superior}; contudo esse paralelismo era muito imperfeito. Assim, os primeiros 25% ou seja os que constituíam o grupo dos alunos menos classificados fracassaram numa proporção de 75% no primeiro ano de Medicina e 60% no primeiro ano de Direito; os estudantes do quartil dos melhores classificados fracassaram nas proporções de 28% e 25% respectivamente. Segue-se que os resultados no ensino secundário são elemento ~~insuficiente~~ ^{a entender} nunca determinante único de ingresso na ~~ensino superior~~ ^{Universidade} pois a percentagem de reprovações é bastante elevada no grupo dos melhores alunos do curso secundário.~~

O Prof. Nuttin para aperfeiçoar este critério sujeitou os mesmos alunos a um teste de inteligência com base em 3 elementos: a)- compreensão exacta e precisa de diversos tipos de textos científicos, b)- rigor lógico de conclusões a tirar de premissas dadas, c)- descoberta de princípios gerais a partir de um série de dados. Conjugando estes resultados com as classificações do ensino secundário consegue eliminar-se grande margem de erro. Por exemplo, dos 25% dos alunos de Medicina que situados no último quatil (os de mais baixa classificação) ainda conseguiam obter passagem, nenhum vence daquelas que obtiveram no teste de inteligência valor inferior á média.

Nas Universidades americanas, o critério é variável, mas em quase todas as técnicas de selecção comportam: teste de inteligência geral, b)- teste de instrução

O Autor pretende verificar se algum paralelismo existia entre a carreira do estudante na Universidade e o seu comportamento escolar anterior. Para isso ordenou os alunos em 4 grupos iguais, de acordo com as classificações obtidas no ensino secundário e verificou o seguinte:
- do grupo dos menos classificados, 75% fracassaram no primeiro ano de Medicina e 60% no primeiro ano de Direito;
- do grupo dos mais classificados, fracassaram respectivamente 28% e 25%.



Fundação Cuidar o Futuro

c)- resultados escolares anteriores, d)-apreciação dos professores, e)-traços aparentes da ~~su~~ personalidade, f)-aptidões especiais para música, desenho ou mecânica, g)-interesses predominantes, etc..

Outras Universidades, entre elas a de Harvard, insistem nas qualidades de carácter.

Na Bélgica foi há anos organizada uma comissão para estudar o problema. Do projecto elaborado por esta comissão ~~consta~~ ^{figura como obrigatório} um exame de maturidade ~~verbal~~ que consta de resumo e critica de uma palestra de 20 minutos. Tal exame baseia-se, na opinião de Prof. Émile Planchard no sistema de provas que a Fundação Universitária, (Instituição análoga ao nosso I.A.C.) exige para os candidatos a bolsas de estudo ou empréstimos. ~~verbal~~

Resumiremos, por último, uma experiência feita pelo ^{prof. Émile} Prof. Émile Planchard em Oignbra. A experiência incidiu sobre um grupo de 118 alunos ordinários no Curso de Pedagogias. O autor submeteu estes alunos a uma prova que, em seu entender, requeria para ser vencida qualidades de espírito indispensáveis para frequentar um Curso Superior. ~~A prova consistia de 4 partes: 1) teste de compreensão verbal abstracta de Bonnardel; prova de leitura silenciosa de trechos de filósofos a resumir em uma das frases-tipo indicadas; uma prova de cultura histórico-filosófica. Com os resultados do teste de Bonnardel e as outras provas, por circunstâncias várias não deram resultados satisfatórios; o autor pode observar uma diferença nítida entre a média dos que os resultados obtidos revelaram uma diferença nítida entre os alunos que tinham a frequência de ensino superior e dos que tinham vindo directamente dos liceus (Média era para os primeiros 26,2 e para os segundos 17,5). Confrontando, no fim do ano, os resultados do teste com as classificações nos exames das suas cadeiras pôde observar um estreito paralelismo e concluir pelo valor prognóstico que o teste de compreensão verbal apresenta em relação às cadeiras do Curso de Pedagogias.~~

Das experiências citadas se antolha um vasto campo não explorado, nas possibilidades de nos fornecer ~~uma~~ critérios mais rigorosos de selecção pré-universitária num futuro mais ou menos próximo - muito depende do empenho que pusermos na obra.



candidato e, não somente, dos seus conhecimentos acumulados.

Com esta finalidade, as provas de admissão, não só se justificavam, como deveriam tornar-se obrigatórias para todos os novos alunos e qualquer que fosse a média obtida no ensino secundário. Teríamos assim, digamos, uma primeira escolha daqueles que se apresentam na Universidade e que - os resultados estão à vista - estão longe de possuir qualidades de universitários.

O facto da selecção se fazer logo nas entradas traz vantagens sem dúvida. Em primeiro lugar, o facto de existirem turmas enormes no primeiro ano exclui toda a possibilidade de um professor conhecer os seus alunos e orientá-los, quando era, exactamente, nesses primeiros tempos de Universidade, quando há uma capacidade grande de adaptação, quando se vão fincar as raízes mais firmes que o novo aluno deveria ser orientado por um caminho de trabalho e de consciência da sua missão.



Fundação Cuidar o Futuro

b)- Selecção ao longo do Curso

Não termina, com um critério rigoroso de admissão, o problema do aproveitamento daqueles que são de facto valores ou, melhor, apresentam condições para vir a sê-lo. O problema continua a pôr-se ao longo dos anos onde o critério de escolha será, certamente, cada vez mais apertado.

Importa que se exija de cada um o seu máximo e, mais, importa que cada um seja orientado no seu melhor caminho.

Parace-me que isto é ainda tarefa da Universidade. Geralmente, quando ^{se} ~~falamos~~ ^{surge} em seleccionar, ~~temos~~ ~~largo~~ a ideia de reprovação, vemos apenas que seleccionar é eliminar os menos fortes, ^{cuidamos, porém,} ~~mas, então~~ que devemos dar a esta palavra um significado mais amplo. Seleccionar ^é ~~querer~~ também ~~dever~~ escolher para deter

14

minado lugar, para determinado fim.

Não é verdade que um universitário poderá não ter qualidades para investigador, no sentido rigoroso da palavra, e, no entanto, dar provas de um futuro profissional consciente e competente?

E, dentro de um mesmo Curso, não haverá maior tendência para um ramo de conhecimentos do que para outro?

Por que não aproveitar-se estas tendências naturais, estimulá-las, orientá-las?

Até aqui, e, por dados que nos chegaram através de inquéritos, vimos que os meios de apreciação se resumem, na grande maioria dos casos, aos exames de frequência, havendo até ~~algumas~~ escolas em que há apenas uma única prestação de provas. Ver quadro n.º 9

Aparecem já alguns professores que exigem de seus alunos a apresentação de trabalhos pessoais, não obstante, continua a predominar grandemente o sistema de exame e assim, um aluno é classificado, com boa ou má nota, conforme se soube desembaraçar - é o termo - melhor ou pior de umas tantas questões que na altura lhe foram postas.

Não falando já das fraudes que se cometem em exames, desde a utilização sistemática da cábulas até ao uso e abuso vergonhoso do atestado médico comprovativo de doença, ^{caída, com vista ao adiamento da prova,} ~~a pedido directamente pelos respectivos docentes e com o intuito de renovar a prova,~~ o exame está longe de ser, só por si, um meio honesto de comprovação das habilitações de um universitário.

~~Aqui,~~ Na Universidade, vimos já que o fundamental é não tanto um "armazenar" de conhecimentos, mas em adquirir de método de trabalho e uma capacidade de laboração que permitam, mais tarde,



ao futuro intelectual o trabalhar por si no dominio da intelligencia.

Ora isto comprova-se ^{na} muito ^{melhor} mais por meio de ~~trabalhos~~ trabalhos que se iriam exigindo ao universitário e onde ele teria que dar à prova as suas qualidades de iniciativa, método, bom senso, juizo crítico; e, ~~com os exames~~, constituiriam para ele, universitário, um valioso meio de sintese de conhecimentos, pela relação de matérias que ~~esse trabalho~~ ^{este meio} exigiriam. Por ~~esse~~ ^{esse} poderia o professor ~~prescrutar~~ ^{de ampla} ~~as~~ as tendências dos seus alunos ~~em~~ ^{de ampla} liberdade de escolha que ^{em} haveria nas matérias e, ao mesmo tempo, teria oportunidade para descobrir os mais aptos.

De tudo quanto dissemos em matéria de selecção dos alunos não se conclua que excluimos o exame. Não, ele desempenha também o seu papel e constitue, quise sempre, um meio directo e relativamente cómodo de verificação. O que quisemos vincular foi que o exame não pode constituir ^o ~~um~~ único meio de verificação, sob risco de não se ^{cabalmente} avaliar as qualidades do aluno, e, ao mesmo tempo, ^{tirar ao aluno} ~~deixar de~~ o sentido da responsabilidade pelo trabalho, sugerindo-lhe pelo contrário, um apego excessivo ao exame.



Fundação Cuidar o Futuro

16
III A ORIENTAÇÃO DO ENSINO UNIVERSITÁRIO

1. A colaboração como relação pedagógica típica no ensino universitário.

Quando falamos nas diferenças que existiam entre estudantes e escolares, deixámos bem patente que numa verdadeira Universidade deverá haver estudantes. Este facto implica, certamente, uma orientação típica no ensino que resulta do princípio anteriormente exposto.

O Prof. Delfim Santos escreveu em "Universitárias", do ano passado: "a relação pedagógica típica entre docentes e discentes, no ensino superior, é a colaboração. Nos outros graus de ensino não tem realmente sentido falar em colaboração, porque sobretudo interessa a receptividade do saber considerado basilar e instrumental; mais adiante, ^{acrescenta} ~~estabelece~~ "o estudo universitário ~~é~~ ^é ~~de carácter~~ ^{de carácter} ~~formativo de personalidade, crítico, exigente de responsabilidades, fundamentalmente autónomo e independente. Não é propedéutico, simplesmente informativo".~~

Este sistema de colaboração pode revestir vários aspectos, desde a organização de programas em conjunto, contacto frequente entre professores e alunos, e trocas de impressões, até à forma mais perfeita de trabalho em seminário. Aquilo em que todos estão conformes é que o actual sistema em que a função docente se resume, na maioria dos casos, ao pronunciar das lições durante o número de horas da semana que vem pré-fixado nos horários não satisfaz às exigências de um ensino universitário.

É curioso verificar alguns dados fornecidos a este respeito pelos inquéritos às diferentes Comissões de Escola. Ver mapa nº. 10 E, é curioso sobretudo destacar as notas que a propósito ^{das} ~~desta~~ per

guntas se escreveram, afirmando que os professores estão dispostos a ajudar os alunos, mas quando estes pedem ajuda. Quere dizer, a falta de colaboração que se sente no ensino universitário não se pode por forma alguma, atribuir exclusivamente aos professores, uma vez que quase todos mostram desejo ^{de} ~~se~~ orientar os alunos, como patenteiam os citados inquéritos; não se pode também atribuir, sómente aos alunos porque estes muitas vezes não sabem sequer a falta dessa orientação, pelo simples facto de que não têm trabalhos a fazer, nem outras preocupações que não sejam conseguir média para passar num exame. E, se assim é, parece-me, que a causa ~~desta~~ ^{da} falta de convívio entre mestres e alunos se terá que procurar no próprio ambiente que não é propício este género de trabalho.

Tudo quanto até agora se fez nesta matéria tem se resumido em esforços isolados que, ^{embora de louvar,} ~~na verdade é de não louvar~~ ~~mas que~~ não pesam na modificação do ambiente.

Há iniciativas interessantes.

Cite-se, por exemplo, o caso de um professor da Faculdade de Direito ^{de Lisboa} que reserva uma tarde por semana para convívio com os seus alunos. ^{Sei} ~~Conheço~~ também ^{de} ~~alguns~~ assistentes que chamam o aluno ^a ~~para~~ trabalhar e orientam esses trabalhos com dispendio de algumas horas por semana.

Tudo isto é de louvar sobretudo se atendermos a que para tal se conseguir se exige na verdade o sacrificio de mais algumas horas, quando os seus horários estão já demasiadamente cheios com lições, outras actividades profissionais, estudos ^{em curso} ~~essenciais~~, às vezes preparação de tese, que sei eu, um agione



~~modo de cobrir~~ que pesam quase sempre sobre as mesmas pessoas.

A par ~~destas~~ ^{de} iniciativas de caracter meramente accidental, co-
meça também a esboçar-se um certo interesse pelo problema no sen-
tido de o ver resolvido por meio de legislação apropriada. Com
efeito, enquanto não se tornar obrigatória a colaboração entre pro-
fessores e alunos no ensino superior, ela ficará, como até aqui,
desejada por uns e outros, mas efectivada só por excepção.

A este propósito falou o Prof. Pires Cardoso, quando da 66a-
ção de Sapiencia proferida ~~na~~ ^{na} ~~11 de~~ ^{este} ano lectivo na abertu-
solene da Universidade Técnica. Preconizava o citado Professor
novo tipo de aulas a que chamou de "convivência." Nestas aulas,
que se realizariam uma vez por semana, não haveria exposição de ma-
téria atinente ao curso, mas destinar-se-iam a uma aproximação
directa entre os mestres e os alunos. O modo de se aproveitarem
estas aulas ~~era~~ ^{seria} variável com o critério dos diferentes professo-
res ~~e poderiam ser~~ ^{seriam} ~~uma vez por semana~~ ^{uma vez por semana} ~~com~~ ^{com} ~~assuntos~~ ^{assuntos}
~~diversos e outros.~~ ^{diversos e outros.} Uma vez, ventilar-se-iam assuntos da actua-
lidade, outras ~~seriam~~ ^{seriam} ~~para~~ ^{para} ~~tratar~~ ^{tratar} ~~dos~~ ^{dos} ~~problemas~~ ^{problemas} ~~referentes~~ ^{referentes} ~~à~~ ^à ~~fun-~~ ^{fun-}
~~ção~~ ^{ção} ~~profissão,~~ ^{profissão,} ~~outras~~ ^{outras} ~~para~~ ^{para} ~~apresentar~~ ^{apresentar} ~~em~~ ^{em} ~~de~~ ^{de} ~~problemas~~ ^{problemas} ~~por~~ ^{por} ~~parte~~ ^{parte}
~~de~~ ^{de} ~~alunos,~~ ^{alunos,} ~~etc..~~ ^{etc..} Como diz o Prof. Pires Cardoso, a função primor-
dial ~~destas~~ ^{destas} ~~aulas~~ ^{aulas} ~~seria~~ ^{seria} ~~"dar~~ ^{"dar} ~~ao~~ ^{ao} ~~aluno~~ ^{aluno} ~~não~~ ^{não} ~~o~~ ^o ~~mestre~~ ^{mestre} ~~que~~ ^{que} ~~transmite~~ ^{transmite} ~~a~~ ^a
~~ciencia,~~ ^{ciencia,} ~~na~~ ^{na} ~~regência~~ ^{regência} ~~das~~ ^{das} ~~suas~~ ^{suas} ~~cadeiras~~ ^{cadeiras} ~~-~~ ⁻ ~~porque~~ ^{porque} ~~ai~~ ^{ai} ~~já~~ ^{já} ~~o~~ ^o ~~têm~~ ^{têm} ~~-~~ ⁻ ~~mas~~ ^{mas}
~~o~~ ^o ~~homem~~ ^{homem} ~~mais~~ ^{mais} ~~velho,~~ ^{velho,} ~~mais~~ ^{mais} ~~culto~~ ^{culto} ~~e~~ ^e ~~mais~~ ^{mais} ~~sensato~~ ^{sensato} ~~que~~ ^{que} ~~pudesse~~ ^{pudesse} ~~aconse-~~ ^{aconse-}
~~lhá-lo,~~ ^{lhá-lo,} ~~esclarecê-lo,~~ ^{esclarecê-lo,} ~~encorajá-lo." Assim,~~ ^{encorajá-lo." Assim,} ~~através~~ ^{através} ~~das~~ ^{das} ~~aulas~~ ^{aulas} ~~destinadas~~ ^{destinadas}
~~ao~~ ^{ao} ~~convívio~~ ^{convívio} ~~o~~ ^o ~~aluno~~ ^{aluno} ~~conseguiria,~~ ^{conseguiria,} ~~sem~~ ^{sem} ~~dúvida,~~ ^{dúvida,} ~~colher~~ ^{colher} ~~da~~ ^{da} ~~expe-~~ ^{expe-}
~~riência~~ ^{riência} ~~e~~ ^e ~~cultura~~ ^{cultura} ~~do~~ ^{do} ~~mestre~~ ^{mestre} ~~uma~~ ^{uma} ~~soma~~ ^{soma} ~~de~~ ^{de} ~~conhecimentos~~ ^{conhecimentos} ~~do~~ ^{do} ~~Universo~~ ^{Universo}
~~e~~ ^e ~~da~~ ^{da} ~~Vida~~ ^{Vida} ~~que~~ ^{que} ~~não~~ ^{não} ~~são~~ ^{são} ~~de~~ ^{de} ~~somenos~~ ^{somenos} ~~importância~~ ^{importância} ~~na~~ ^{na} ~~formação~~ ^{formação} ~~daqueles~~ ^{daqueles}
~~que~~ ^{que} ~~vão~~ ^{vão} ~~ocupar~~ ^{ocupar} ~~posições~~ ^{posições} ~~de~~ ^{de} ~~chefe~~ ^{chefe} ~~na~~ ^{na} ~~Sociedade.~~ ^{Sociedade.}



Fundação Cuidar o Futuro

As ~~estas~~ aulas ^{de convivência} teriam ainda a vantagem de permitir ao professor que acompanhasse o evoluir do pensamento dos seus alunos pois que a Universidade não deve, por forma alguma, ser alheia, como dizia o citado ^{cafeдрático} ~~professor~~, ao facto real do estudante entrar para a Universidade rapaz e dela sair já homem. Com efeito, quando aluno do liceu, o apoio recebido dos professores, era sem dúvida grande mas quando da entrada na Universidade o aluno encontra-se bruscamente entregue a si próprio, muitas vezes até longe da família e, nem sempre, se sente com força suficiente ~~para manter~~ ^{para manter} ~~uma vida moralmente digna, tão pouco sabe combinar~~ ^{combinar} harmoniosamente o estudo da sua especialidade com a preocupação pelos problemas culturais.



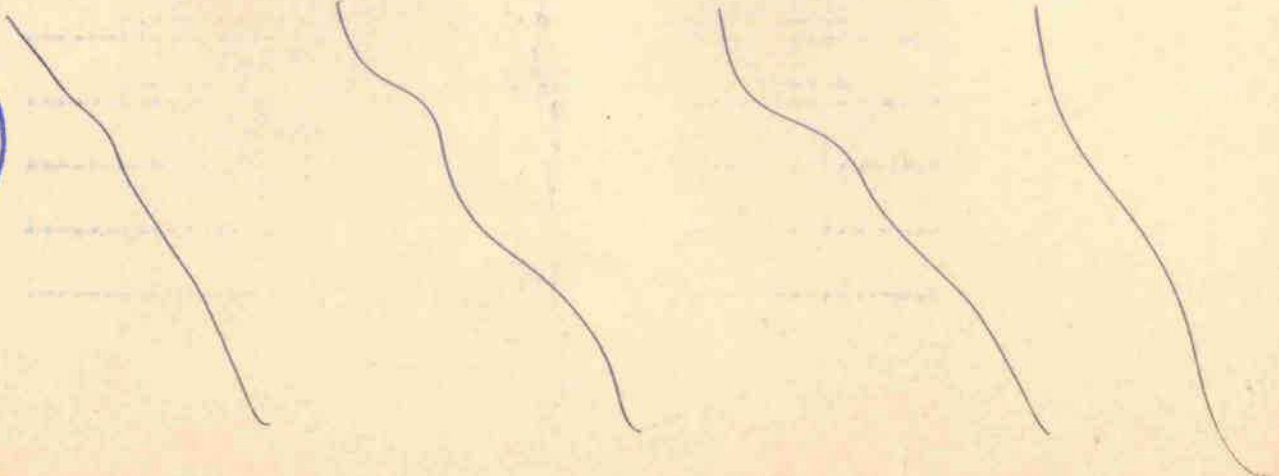
Quanto ao funcionamento deste tipo de aulas, preconizava o Prof. Pires Cardoso que elas deveriam ser obrigatórias, se bem que num estágio mais elementar, ^{Fundação Cuidar o Futuro} quando se tivesse adquirido já a consciência da sua utilidade e necessidade se lhes reconhecesse o caracter facultativo.

~~Pela nossa parte, inclinamo-nos também pela obrigatoriedade ~~de todas as cadeiras e estas aulas~~, como consequência lógica das vantagens que lhes assinalámos, ~~mas não estenderíamos a obrigatoriedade a todas as cadeiras mas somente àquelas que o aluno por sua livre iniciativa escolhesse. O aluno era obrigado a assistir à aula de convivência de um dos professores do seu ano mas entre estes poderia escolher. É certo que não conseguiríamos manter contacto com todos os professores, mas por outro lado não redundaria para o aluno num acréscimo de trabalho muito grande, porque uma hora mais por semana é facilmente compatível com qualquer programa. E, o que se nos afigura mais importante, é que pela distribuição que se~~~~

Por nossa parte distingamos dois tipos de aulas de convivência, conforme se trate de anos mais ou menos adiantados do curso. É necessário que se estabeleça tal distinção, porque as aulas têm que se orientar segundo as necessidades dos alunos diferentes num e noutro caso.

Nos primeiros anos, pretende-se sobretudo uma visão panorâmica das coisas e, simultaneamente, uma iniciação à vida intelectual. Logo as aulas de convivência, vindo ao encontro desta necessidade seriam aproveitadas para trocas de impressões sobre assuntos de interesse geral, questões de actualidade, problemas de projecção para o país, aspectos da cultura, etc., ~~pretendendo despertar nos alunos o gosto pelos problemas de estudo e criar hábitos de observação e crítica.~~ ^{quanto} à frequência, julgamos que ela deveria tornar-se obrigatória, consequência lógica das vantagens que lhe assinalamos, simplesmente, não entenderíamos a obrigatoriedade a todas as ^{aulas de convivência que vissem a ser dadas num mesmo ano} ~~as~~ ^{mas, apenas,} a uma das que o aluno escolhesse entre as do seu ano.

Nos anos mais adiantados do curso, a orientação dos alunos deve tomar uma feição mais pessoal. Cada aluno mostra tendências diferentes e o professor, acompanhando a evolução das mesmas e de acordo com elas, deve encaminhar o aluno para um determinado campo de especialização. Com os conhecimentos adquiridos no curso geral, o aluno já está em condições de realizar trabalhos pessoais e assim a orientação do professor tem que ser adaptada a cada caso concreto. As condições naturais vêm ao encontro desta exigência, porquanto o número de alunos bastante reduzido que frequenta os últimos anos favorece o convívio entre professores e alunos. Quanto à obrigatoriedade de frequência a estas aulas julgamo-la desnecessária porque os alunos serão os primeiros a reconhecer a sua importância.



iria operar pelos diferentes professores conseguir-se-ia diminuir o número dos que participassem nas aulas de convivência e que, senão, viria aumentar a sua eficiência.

Também no que se refere ao simples convívio através das aulas teóricas, parece-me que há alguma coisa a analisar.

As nossas aulas teóricas caracterizam-se por uma passividade notória. Quase sempre são aulas de pura exposição em que ~~e-professores~~ os alunos não participam, por forma alguma. Tem-se a idéia, a meu ver errada, que uma aula é trabalho do mestre e daí, que, por parte dos alunos, se vá para a aula para ouvir e, por parte do professor para falar.

Acabada ~~a~~ mesma saem uns e outros, convencidos que cumpriram a sua missão em 1/24 do dia e, com que outros resultados? Será difícil dizê-lo. O aluno, salvo raras exceções, não pende mais naquilo que se disse na aula; o professor não guarda também dos seus ^{alunos} nem uma dúvida, nem uma sugestão, nem um comentário e corre assim, como diria o Prof. Delfim Santos no "perigo de estagnação, se á sua volta só encontra escolares que se satisfizem com o mínimo de trabalho possível".

Podemos exemplificar com números. Vermapa nº 10

Tendo sido perguntado às diferentes escolas superiores através de inquéritos, em quantas cadeiras se formavam grupos de discussão nas próprias aulas, só em 3 Faculdades e apenas em 4 cadeiras tal se verificou. Ora isto demonstra suficientemente ~~que~~ a maneira passiva como se assiste às aulas, a menos que admitissemos a alternativa absurda de não ter nunca existido divergência de opinião entre um professor e os seus alunos que em algumas turmas ultrapassa a centena.



Mesmo o caso mais simples de interrogação ao professor ~~o~~ ~~professor~~ sobre as matérias que expõem, não é muito frequente, como mostram os inquéritos, ^{feitos} havendo mesmo 3 Faculdades em que tal nunca aconteceu, e, quando ^{Suced} ~~succede~~, quase sempre reveste a forma de consulta ao professor depois da aula.

^{Da há 2} ~~Esta~~ apatia e desinteresse que ^{se} ~~têm~~ por muitas das ~~nas~~ ~~as~~ aulas teóricas, cremos que há alguma coisa a fazer, no sentido de tornar o ensino mais ardente, mais vivo, como ardente e viva é a busca da Verdade.

Torna-se mister fazer criar aos alunos o hábito de tomarem parte nas lições, fazerem seus os conhecimentos que ouvem expor, através do exercício de faculdades de crítica, e, para isso, muito era de desejar que os alunos, logo no início do ano estivessem de posse de um programa a seguir e mais ainda de um livro-texto, organizado pelo próprio professor, uma espécie de guia orientador que o aluno ^{podaria} ~~deveria~~ consultar antes da aula teórica ~~essa~~, ~~na~~ ~~reflexão~~ sobre o mesmo, teria ^{assim} possibilidade de acompanhar a exposição que o professor fizesse, exposição essa que revestiria sempre a forma de uma base para discussão.

Além disso, as aulas ^{teóricas} ~~deveriam~~ ter também uma função orientadora. O professor ^{indicaria bibliografia} ~~deveria~~ ~~indicar~~ e estimularia os alunos na sua ^{consulta} ~~investigação~~, procurando ^{por meio de} desenvolver-lhes o senso crítico, ~~através~~ ~~excitação~~ ~~dos~~ ~~elementos~~ ~~concretos~~ ~~onde~~ ~~haviam~~ ~~lido~~ ~~de~~ ~~por~~ ~~se~~ ~~de~~ ~~opiniões~~ ~~diversas~~. O professor indicaria sempre qual a sua opinião fundamentando-a, mas deveria incutir nos alunos que essa era apenas uma fonte de informação; ~~eles~~ ~~teriam~~ ~~que~~ ~~procurar~~ ~~outras~~ ~~e~~ ~~formar~~ ~~uma~~ ~~opinião~~ ~~própria~~.

Com aulas deste tipo, o professor teria oportunidade para desenvolver nos seus alunos hábitos de crítica e método de trabalho intelectual, frutos estes que se não conseguem com auto-dictatismo.



Fundação Cuidar o Futuro

Falemos agora na orientação das aulas práticas

Na generalidade dos casos, a aula prática é confiada a um assistente e nisto está certo. Um assistente é um estudioso, em geral com alguma preparação e que estará certamente em altura de coadjuvar o professor. Agora o que só por excepção se verificará é estar ele apto a dirigir uma aula. Poderá estar de posse dos conhecimentos considerados indispensáveis aos alunos, poderá mesmo ter qualidades pedagógicas para os ministrar, mas o que naturalmente não possui ~~é~~ é aquele grau de maturidade de espírito, de método de trabalho, de largueza de vistas que se deve exigir a um professor. A função do assistente é ~~servir de~~ auxiliar, de cooperador, nunca de seu substituto.

O assistente é, digamos uma via que torna possível um contacto mais frequente, ainda que indirecto, do professor com os alunos e portanto é a ele que compete trabalhar mais directamente com o professor, recebendo orientações, canalizando ideias que fará chegar por sua vez àquele grupo de alunos que lhe foi confiado. Daí que o assistente seja um estudante, num grau mais avançado de estudiosidade, embora, mas um estudante. Inverter ^{posições} ~~funções~~ será ^{sempre} meio arriscado a perder o equilíbrio.

No entanto, não é raro ^{que nas} ~~encontrar-se~~ nas diferentes escolas que aulas práticas estejam completamente confiadas a assistentes e que estes mantenham ^{contacto} com o professor da Cadeira ~~licença~~ apenas na altura de dar notas.

Com isto perdem os alunos e perde o próprio assistente que se é consciencioso e honesto, sente sobre si o peso de uma orientação a dar e que tem ^{de} ~~que~~ procurar sózinho, quando, como diria Chavigny, ele não é explorador de terras virgens, tem o direito de contar com a experiência do professor. É deste a responsabi



lidade de um curso .

E, mais! Com a orientação que tomam hoje as aulas teóricas e práticas se tivéssemos que decidir de ²⁵ quais ~~elas~~ mais importantes, sem dúvida que nos inclinariamos para as segundas, já porque exigem maior esforço do aluno obrigado a prestar, de quando em vez a sua colaboração, já porque o número menor de alunos que nelas tomam parte permite tirar maior rendimento.

Ora se assim é, e não ^{3º} podendo caminhar ~~de~~ ^{do momento} para alterações tão profundas que viessem modificar ^{toda a} ~~apertada~~ estrutura das aulas teóricas, ^{há, pelo menos, que assegurar, através das aulas práticas, a convivência} ~~entre professores e alunos~~ ^{entre professores e alunos} ~~colaboração na elaboração das aulas práticas.~~

Queremos significar ~~curioso~~ que o professor da cadeira deve ^{rá} manter ~~em contacto~~ ^{freqüente} contacto ~~com~~ com os seus assistentes orientando-lhes trabalhos, estimulando-os, sendo para eles aquele ^{Fundação Cuida o Futuro} ~~conselheiro~~ experiente que sabe ^{aplainar} caminhos. O assistente procuraria, por sua vez, acompanhar mais de perto aqueles alunos que lhe fossem confiados e bem assim formá-los num espírito de verdadeiro trabalho intelectual. Isto, porém, ^{sem dispensar} ~~na medida~~ o professor de assistir às aulas práticas sobretudo aqueles trabalhos que exigem ^{uma} ~~uma~~ orientação ^{mais cuidada.}

E desta cadeia, professores, assistentes, alunos (pelo menos alguns alunos) conseguir-se-ia formar "escola," criar "corrente!," - coisa ~~paralela~~ ^{quase desconhecida,} em Portugal.

Ainda referindo-nos á colaboração entre professores e alunos como estilo próprio do ensino universitário guardámos ^{preposita} ~~preposita~~ mente para o fim o trabalho em seminário. ^{constitue} ~~constitue~~ com efeito, esta forma de trabalho o tipo mais evoluído do espírito de cola





boração.

O que é um seminário?

Diz o Prof. Paiva Boléo: "O verdadeiro seminário é um viveiro de espiritos que animados por um professor competente e especializado que os oriente e estimule conseguem adquirir uma formação profissional notável e aptidão e método necessários para a prossecução de trabalhos de investigação pessoal."

E, porque lhe chamámos tipo mais evoluído de colaboração?

Sendo um seminário um grupo pequeno de 5 ou 6, necessariamente que o contacto entre professores e alunos terá que ser ~~grau~~ ^{frequente} e aqui reside a vantagem ~~grande~~ ^{que} que estes pequenos grupos de estudo apresentam. Deste conviver de perto com o mestre, ~~quele~~ ^{que} por definição, é o eterno estudante, como disse algures o Prof. Delfim Santos, resultará certamente para o aluno um espirito de iniciativa e amor à Verdade e simultaneamente, um enriquecimento ~~quanto~~ ^{quanto} ~~quanto~~ ^{quanto} de método e orientação que não terá outra possibilidade de adquirir.

~~Os verdadeiros seminários poderão ter ainda projecção na própria vida nacional, pelo estudo que permitir realizar de problemas ^{com} de interesse ^{para o país} e, mais, poderão despertar nos alunos o gosto por esses problemas.~~

~~O trabalho em seminário é também a solução apta para se conseguir aproveitar vocações para a investigação.~~

~~Com o problema dos seminários se prende o da investigação. Discute-se muito se a Universidade deve guardar lugar para a investigação e ~~era mesmo~~ ^{desejariamos mesmo} ~~nosso~~ ^{o assunto} ~~deseje~~ ^{abordar} ~~tal problema~~, neste trabalho; contudo, ~~porque~~ ^{dada a impossibilidade de o fazer aqui} ~~e tempo é um bem escasso~~, ~~limita-se~~ ^{o assunto} ~~de~~ ^{o assunto} ~~um~~ ^{o assunto} ~~lado~~, existe uma comunicação especial sobre o assunto, não nos podemos deter sobre este aspecto. Referiremos apenas~~

Fachemos o parte
 tesis sobre o pu
 gar da investiga
 ção na Universida
 de para voltar
 do problema dos
 seminários. Disse
 mos que eles se
 destinavam à in
 vestigação; por
 temos agora dis
 tinguir entre os
 Seminários de in
 vestigação pura
 e os seminários
 de investigação
 applicada - os
 primeiros, dando
 uma formação
 específica aquelles
 que desejam dedicar
 -se à especulação
 científica e asse
 gurando a activi
 zação científica
 na Universidade,
 - os segundos
 occupando-se de
 problemas concer
 ntes emantando
 o contacto da Uni
 versidade com
 a vida social

Uns e outros
 têm lugar na
 Universidade, tanto
 quanto o exijam
 as duas categorias
 de futuros diplo
 mados
 - profissionais
 - investigadores

a conclusão a que tal estudo nos conduziria, para fazermos depois dos seminários de investigação.

Quando tomamos a investigação, num sentido lato, ou seja a aquisição de um saber novo, da procura de novos conhecimentos, não só tem lugar na Universidade, ^{como} ~~mas~~ constitue um dever indeclinável de todo aquele que escolheu uma vocação intellectual, ^{porque} a descoberta da verdade não pára nos anos da escola, tem ^{de} ~~que~~ continuar mesmo para aquele que vai desempenhar uma profissão, ~~porque a missão de um dirigente é incompativel com todo o estagnatismo.~~

Quando tomamos a investigação num sentido restrito de fazer ciência, então é que já não poderemos torná-la obrigatória para todos os universitários, por que nem todos serão investigadores. ~~criadores~~ ^{criadores} de ciência; todavia,

~~Nem todos serão investigadores, mas alguns o serão, e a Universidade,~~ ^{porque} ~~na Universidade~~ orientadora tem ~~que~~ ^{que} exactamente ~~aprovei-~~ ^{são} ~~são~~ os seminários especializados ~~que,~~ ^{reunindo} ~~reunindo~~ estas vocações. ~~Para isso surge a necessidade de investi-~~

Fundação Cuidar o Futuro

~~gacões que nos dão tendência para a investigação, e que admittendo a formação específica, adequada à sua vocação de investigadores científicos.~~

~~Muitas vezes~~ ^{são} ~~raros~~ ^{raros} são aqueles que, acabados os anos de escola ainda continuam estudando e progredindo no caminho do saber, mas a verdade é que, por parte da Escola, nunca lhes foi suscitada a atenção para um ou outro problema particular, e daí que ao sair da Universidade não tenham perdido a iniciativa do estudo - a verdade é que nunca a tinham tomado.

Tenho para mim que quando alguma vez se estudou por amor, há-de continuar-se a fazer do estudo um centro de interesses. O que importa pois é que a escola lance a semente ...

~~De modo que o seminário~~ ^{de} ~~deverá~~ ^{deverá} ter um carácter puramente facultativo, destinar-se apenas aque



les que mostravam melhores qualidades e parece-~~to~~ que apresentaria vantagens, sobretudo com alunos a partir do 3º ano. Compreende-se porquê. No trabalho em seminário exige-se já um pouco mais que simples capacidade para o estudo; importa que algo se produza que algo frutifique e isto só se ~~no~~ afigura possível com alunos já em anos adiantados da Universidade.

2. Organização material do ensino

Sob esta designação englobamos um conjunto de pormenores que, não sendo princípios de orientação do ensino, têm que ser estudados e cuidadosamente resolvidos, porque têm que estar presentes em qualquer reforma universitária.

Vários aspectos haveria a tratar, mas referiremos somente alguns que se nos afiguram com maior generalidade em relação aos diferentes tipos de Faculdades. Entre eles destacaremos:

- o funcionamento das bibliotecas
- a possibilidade ~~de~~ de estudo dentro da escola
- os horários

Funcionamento das bibliotecas

É uma realidade que cada vez mais se nos patenteia que é impossível ao estudante dos nossos dias abarcar todos os ramos de uma mesma ciência. Se o homem do século XVI podia alimentar a esperança de um conhecimento exaustivo de todas as ciências, o estudante dos nossos dias procura um dos ramos da ciência e dentro dele um aspecto a focar. Nem de outro modo poderia acontecer, tão complicado se torna o esquema dos conhecimentos humanos. Por outro lado, e apesar desta necessidade de especialização cada vez maior, frequentes vezes o especialista terá que recorrer a fontes de outros ramos que não o dele para melhor estruturar os seus conhecimentos.

O universitário que por definição é um estudante no início da sua carreira não tem normalmente resolvido o problema da especialização; preocupa-o sobretudo uma visão geral e daí que para ele seja mais presente ainda a necessidade de dispôr de vag



Fundação Cuidar o Futuro

to campo para base de escolha de ulterior especialização.

Surge, deste modo, a necessidade de ~~que~~ cada Escola Superior possua a sua Biblioteca provida de todas as obras fundamentais ao seu ramo; só assim se pode reservar às bibliotecas particulares o privilégio de se especializarem. Formar-se-
-ia, como que uma pirâmide ^{em cuja} ~~em cuja~~ base ^{estiverem} ~~estiverem~~ as bibliotecas individuais altamente especializadas, integradas na biblioteca mais geral de cada uma das Escolas; estas, por sua vez integradas numa biblioteca-síntese, comum a todas as Faculdades.

Referiremos seguidamente algumas informações fornecidas pelos inquiridos às Delegações de Faculdade sobre importância e funcionamento das respectivas bibliotecas.

Exceptuando as ^{Escolas} ~~Faculdades~~ de Belas-Artes de Lisboa e do Porto e Farmácia de Lisboa todas as outras ^{faculdades} ~~escolas~~ dispõem de bibliotecas próprias. Vejamos se alguma coisa poderemos concluir, quanto à sua importância.

Um primeiro índice ^d ~~de~~ ^{que dispomos} ~~o~~ número de volumes existentes; contudo ele servirá quando muito para pôr à margem as bibliotecas demasiadamente pequenas. Não é este o caso das bibliotecas das nossas Faculdades. Exceptuando as Faculdades de Farmácia de Coimbra e Porto cada uma com ~~4000~~ ^{23 outros} volumes, todas ^{com} para cima de 7000. São de destacar, pelo número de volumes a Biblioteca da Faculdade de Direito de Lisboa com 51.000, a das Faculdades de Letras, Direito e Ciências de Coimbra com 81.000, 110.000 e 111.000 volumes respectivamente e a Biblioteca da Faculdade de Ciências do Porto com mais de 65.000 volumes.

Este critério por si nada nos diz; torna-se indispensável saber do valor das obras, da sua actualização, de como se acham distribuídos pelos diferentes ramos do curso, etc., etc..

Um único dado com algum interesse possuímos -- o número de volumes entrados em 1951, e ^{competendo - o} ~~por séculos das percentagens dadas em relação~~ ^{com o} número total dos existentes ficaremos com um índice a que poderemos chamar de constituição, indicador do ritmo a que se está formando a biblioteca. Não lhe poderemos chamar coeficiente



de
de actualização, porque teríamos de entrar com elementos que não possuímos nesta
altura.

Vejamos agora alguma coisa no que se refere a revistas. É evidente que uma bi-
blioteca que não disponha das principais revistas da sua especialidade apresenta
uma lacuna difícil de superar. As revistas permitem uma maior actualização do que
os livros, fomentam o juízo crítico pela possibilidade de acompanhar a controvérsia
levantada ao redor dos seus artigos, são normalmente uma boa fonte de indicações
bibliográficas. A todas estas vantagens acresce a dificuldade que a maioria dos uni-
versitários terá em adquirir revistas e quanto menos as conhecer menos disposto
estará em dit reservar uma parte dos seus rendimentos para a aquisição das mesmas.
Depois, mesmo que assim não acontecesse, dentro do princípio da especialização das
bibliotecas que até encaminhamos, não será conveniente esta última resolução.

Poderemos referir alguns dados colhidos no inquérito citado. Ver quadro nº

Uma referência há a fazer sobre os números apresentados, alguns relativamente
elevados e que causarão estranheza a aqueles que conhecer de perto a biblioteca da
sua escola. Tais números foram a resposta a uma pergunta bastante genérica: "núme-
ro de revistas e publicações periódicas que se recebem normalmente na Biblioteca da
Escola e Bibliotecas anexas" e nada impedia que nas respostas se incluíssem Boletins
das Casas de Povo, Relatórios dos Grêmios e quaisquer publicações de interesse, sem
dúvida, mas não como revistas científicas...

Todos estes dados que temos vindo a analisar são tendentes à avaliação da im-
portância das bibliotecas de Faculdade; poderemos agora conjugá-los com a utiliza-
ção que delas se faz. Recorramos uma vez mais ao citado inquérito. Ver quadro nº

Por último uma referência ao critério que preside à aquisição de livros e re-
vistas. Podem dar-se três casos:

- requisição dos professores ou sua consulta
- pedido dos alunos
- decisão do bibliotecário em consulta a professores ou alunos

e, ainda um critério misto.



Entre nós e referindo-nos às Faculdades de Lisboa e Coimbra, pois que do Porto não nos chegaram tais dados não se pode encontrar uniformidade de critérios. Há escolas como o Técnico e Económicas em que só os professores escolhem os livros; outras, como Ciências de Lisboa e Direito e Medicina de Coimbra em que professores, alunos e bibliotecário decidem da escolha das obras; em Ciências em Coimbra alunos e bibliotecário, mas não o professor decidem da aquisição das aquisições de livros.

Ponderando as vantagens e os inconvenientes de cada um destes sistemas parece-nos de admitir um critério misto em que professores e alunos poderiam apresentar propostas de compra de livros ou revistas, sujeitas depois à aprovação da Escola representada por um comité de professores especialmente encarregado de seleccionar as propostas e decidir da compra.

Possibilidade material de estudo dentro da escola

O problema põe-se para todas as escolas. Em todas surge a necessidade de se aproveitarem os "furos" ocasionais ou sistemáticos que o horário apresenta. Em todas há alunos que em casa não podem encontrar ambiente necessário ao estudo e daí que o tenham que procurar fora, seria por lógico que a escola ^{deve} a primeira a responder a esta exigência. O universitário, muitas vezes sem possibilidade de estudo no meio em que vive (pense-se, por exemplo, nos inúmeros casos de estudantes longe da família, habitando em compartimentos reduzidos e de que não os únicos a servir-se) procura por si local para estudar e quase sempre se decide pelo "café", porque, em boa verdade, não encontra melhor. Recordo o que um universitário de Lisboa me dizia a este propósito. Em certo "café" da capital, a partir da meia-noite, faz-se maior silêncio entre os presentes que enchem a sala do que em uma das nossas bibliotecas de Faculdade.

Entretanto, continua a criticar-se o estudo de "café" que não cria hábitos de trabalho, continua a escrever-se sobre a influência que o ambiente tem em quem estuda, continua a desejar-se que o universitário procure já rodear-se de hábitos que venham a desenvolver-se para assegurarem uma vida intelectual intensa.

Os inquéritos às Delegações de Escola mostram as deficiências neste aspecto.



Fundação Cuidar o Futuro

Em Lisboa, só em três Faculdades havia salas especialmente destinadas ao estudo; em uma delas não havia ambiente de estudo e nas outras duas raras vezes existia. Em Coimbra também em três Faculdades existem salas para estudo; nestas com ambiente de estudo. No Porto também apenas em três Faculdades há salas de estudo. Nas restantes 11 escolas não há salas de estudo. Ora, como entre as Faculdades que as possuem em três não há ambiente, corrigindo os resultados temos uma proporção de 14 para 6.

Pode acrescentar-se que há ainda a Biblioteca Geral da Escola. Repare-se, porém que ela não pode desempenhar cabalmente as funções de sala de estudo; há sempre o vai e vem dos que requisitam ou entregam livros, não se pode também permitir o estudo em conjunto, etc..

Concordamos em que para certas escolas o problema não apresenta soluções fáceis; contudo que se estude o assunto que se escolha a melhor das soluções e que se a ponha em prática de molde a evitar que os universitários sejam obrigados a optar por soluções demasiadamente imperfeitas - o generalizado estudo de "café".

Fundação Cuidar o Futuro

Horários

Tem-se discutido se um horário deveu não ser compacto. Na prática verifica-se um e outro caso.

Há o sistema de ocupar o aluno durante quase todo o dia com o pretexto de o manter ligado à escola e evitar que ele seja acorrentado pelo meio, forte em solicitações para uma vida de agitação, nada favorável ao trabalho do espírito.

Há também o extremo oposto de ocupar o estudante com um número restrito de horas de aulas com o pretexto de lhe ~~xxxxxxx~~ dar possibilidade de se dedicar ao trabalho pessoal.

Como todas as soluções extremistas, enferma-se num e noutro caso de alguns vícios. Com efeito, um horário demasiadamente preenchido que obriga o aluno a permanecer na escola 6 ou 7 horas que possibilidade lhe dá de cuidar da sua prepa



de trabalhar, que possivelmente lhe dá a cuidar da sua criação pessoal? E, como arranjar tempo para se dedicar àquelas matérias que não são da especialidade que escolheu, mas que são indispensáveis ao desenvolvimento harmonioso dos seus conhecimentos? E, como arranjar tempo para o convívio com a família e para o contacto com a Vida?

Que se deve evitar a influência prejudicial que o meio exerce no estudante é certo, mas não ~~creto que aquela seja a solução~~ ^{juçamos ser aquela} óptima, porquanto não pretendemos que da Universidade saiam homens de claustro ou gabinete, mas quem vá ao encontro dos problemas, sendo ao mesmo tempo portador de uma vacina imunizadora.



Quanto à segunda hipótese (ocupar o estudante na escola apenas um número reduzido de horas) também se ~~po~~ ^{po} afigura com desvantagens, ~~po~~ ^{po} quanto não permite que se estabeleçam relações de convívio entre os alunos - o pouquíssimo tempo que passam na escola mal ~~permite que cheguem a conhecer-se.~~ ~~Também este siste~~

Fundação Cuidar o Futuro

² ~~mas,~~ mesmo em questão de um maior rendimento no trabalho pessoal ~~se apresentaria vantagens~~ para aqueles alunos que possuíssem já uma mentalidade universitária, uma capacidade de discernimento e amor ao estudo o que não se verifica por ora na Universidade.

Ver quadro n.º

É de factopossível um ajustamento, conseguir um número médio de horas que não pode pôr de lado as outras exigências do universitário, como membro integrado na comunidade social. E evidente que não se poderá determinar um número de horas por semana que sirva de tipo a todas as Faculdades; ele depende certamente da natureza dos cursos, do ensino ser mais ou menos exigente de aulas práticas, mas o que nunca poderá ser esquecido é que como diria Ortega y Gasset, o programa tem de fazer-se de acordo com um dado objectivo - é aluno.

Uma vez determinado o número de horas que cabe a cada semana, importa que se faça uma distribuição inteligente dessas aulas, que se ~~façam~~ aproveitem aquelas horas que poderão dar o maior rendimento, que haja na elaboração dos horários o cuidado de atender às regras de uma metodologia do trabalho intelectual.

Daí que a elaboração de um horário, com todos os condicionamentos externos que os rodeiam, exija o estudo de pessoa competente nesses assuntos.



Fundação Cuidar o Futuro

3 A metodelogia de trabalho intelectual

Entre as funções que, de acordo com as conclusões de XIX Congresso de Pax Romana, considerámos específicas da Universidade referimos a formação de uma mentalidade científica, um sentido crítico e hábitos de trabalho e método que a ciência exige.

Também o Santo Padre Pio XII em certa ocasião afirmou que ao sair da Universidade o universitário tem que possuir um método de trabalho que lhe permita saber as coisas por si mesmo continuar sem se limitar à ciência feita .

Saber por si mesmo, continuar aprendendo...

Todos os anos terminam e Curse algumas centenas de universitários.

Que pensa cada um deles desta exigência da sua vocação intelectual - saber por si mesmo', continuar a aprender, continuar ascendendo no caminho do saber, continuar aumentando acrescentando e edificando alicerçado nos anos da Universidade e que não ter á nunca abóbada?

E admitindo que a Universidade lançou a semente que a Universidade deu a noção exacta da vocação a cumprir admitindo que a Universidade lançou a inquietação pelo ^{destron} saber ^{seben} estará e licenciado ^{tera capacidade} em ~~cap~~ ^{para} dicções de " saber por si mesmo sem se limitar à ciência feita"

Algumas condições se me afiguram indispensáveis para que o universitário , terminados os ~~anos~~ anos de Universidade possa continuar aprendendo por si mesmo e se não confine a práticas retineiras

Pende de lado as que uma reforma universitária não teria potencial para resolver, referiremos somente aquelas que caem no âmbito da Universidade. Resumem-se afinal na necessidade de fazer criar no universitário um conjunto de hábitos de trabalho intelectual, de ~~de~~ fazer adquirir uma técnica de trabalho intelectual e de



lhe fornecer ao mesmo tempo as fontes de informação referentes a cada assunto da especialidade.

Hábitos de trabalho intelectual

É sabido que, quando uma acção se transforma em hábito, ela passa a fazer-se com menor esforço e maior rendimento. Em particular ao intelectual, que constantemente tem que sacrificar e superficial ao essencial, convirá que, desde novo, sistematize a sua vida, crie hábitos.

E que hábitos deverá procurar o intelectual?

Impõe-se em primeiro lugar que se estabeleça um plano. O universitário que se habituou a traçar um programa e a cumpri-lo pode aproveitar o tempo melhor porque, quando decide de uma solicitação de momento, age em referência ao plano traçado; pelo contrário, aquele que tudo decide na altura arrisca-se a um juízo menos perfeito, porque as decisões a curto prazo são muito mais influenciadas pelos *entusiasmos e reacções primárias*.

Depois, um programa exige reflexão por parte de quem o traça e, desta reflexão que dita a escolha resulta um enriquecimento, porque se tornou necessário avaliar os recursos, conhecer-se a si próprio.

Recorde *a este propósito* uma afirmação de Jean Guitten "interessa por vezes muito mais um exame sobre si mesmo, sobre as suas possibilidades, sobre os êxitos e fracassos de dia de que a soma das aulas que durante o dia se assistiu. O convite não é novo, vem de Platão "conhece-te a ti mesmo"

Além da objectividade nas decisões a tomar, disciplina da vontade, qualidade que um programa ajuda a desenvolver, há que ressaltar ainda duas consequências importantes: a simplicidade de vida, e conhecimento de si mesmo.

Simplicidade de vida traduz uma necessidade imperiosa para aquele que no dizer do Padre Sertillanges "é um consagrado". A simplicidade



Fundação Cuidar o Futuro

dadade vida é um pressuposto de despreendimento de si mesmo, da de
ca que a vida intelectual exige e que não é de forma alguma compa
 tível com a multiplicidade dos pequenos nadas.

A simplicidade de vida tem que estar na base de toda a veca
o intelectual.

Conhecimento de si próprio, porque o intelectual tem que reali
 zar um trabalho vincadamente pessoal; logo exige-se que conheça e
mas possível os recursos de que dispõe, os talentos que recebeu.

Do conhecimento de si próprio e universitário recolle uma
 experiência que tem obrigação de fazer render.

Dum fracasso ^{por exemplo} quanto de não aprende! (se a causa estava em nas
 nessas mãos remediar numa ocasião próxima contaremos com ela e, se
 nada dependeu de nós leuvenos a Deus porque Ele experimenta e He-
 mem na tribulação).

É ainda da reflexão sobre si mesmo que o intelectual aprende a
 um método que ninguém lhe poderia ensinar, aprende a ver quais es
 momentos de maior lucidez de espirito, de maior rendimento no tra-
 balho, aprende a distinguir as horas mais propícias ao trabalho in-
 tense e as que poderão aproveitar-se para trabalhos subsidiários e
 para os lazeres. Há os que preferem estudar de manhã muito cedo por
 que nessas primeiras horas depois de repouso de noite estão mais
 aptos para o trabalho intenso; há os que, pelo contrário, tiram van-
 tagens em estudar a noite. Há os que só ^{conseguem} fixar a atenção durante
 pouco tempo; outros ^{que} pelo contrário, dão maior rendimento quando se
 dispõem a longo período de trabalho.

E, porque neste domínio não há regras absolutas, e que importa
 é que cada um se estuda a si mesmo e depois estruture o resto do dia
 em função destas horas de maior rendimento.

Um outro hábito que importa adquirir é ~~adquirir~~ e hábito de



pensar . Parece absurdo referir que pensar é um dever para o estudante, contudo, para quem conhece de perto o ambiente da Faculdade, não é difícil dar conta de quantas opiniões sem fundamento, de quanta superficialidade nos assuntos, de quanta preguiça mental em formar juizes próprios indeces seguros de que se não pensa.

Há que pensar e alimentar o pensamento durante o dia e depois, quando possível, tomar notas das impressões que ficaram. ~~netas não tenham outra finalidade que não seja passar no dia seguinte para as coisas que não prestatam lato dees que o registro das netas não ocupa demasiada tempo (caso contrário seria despropositado)~~
O simples facto de se escrever obriga a uma ordenação de ideias e este esforço de expressão é já por si produtivo:

Prendendo-se com o hábito de pensar, vem o de ajuizar.

Uma das qualidades que indicamos como indispensável ^{no intelectual} foi o ^{sentido} juízo crítico! Ora o ^{sentido} juízo crítico se em alguns casos pode ser considerado como de natural para a maioria dos homens é uma qualidade que se adquire.

Alguns autores e entre eles Jean Guitten aconselham para desenvolver esta faculdade resumir em notas escritas um livro uma conferência ou uma observação e juntar-lhes ^{sempre} a opinião pessoal. Assim, acrescenta, se tem lugar para emitir uma opinião com a vantagem de que ninguém nos escuta. Outros autores recomendam, como prática útil para desenvolver o espirito crítico, que após a leitura de uma obra se não deixe passar a oportunidade de treçar impressões sobre ela com alguém que se interesse pelos mesmos assuntos e que se dispensem as coisas para que os outros por sua vez nos deem também as suas impressões.

~~Se a faculdade de critica é uma qualidade que se pode adquirir pelo habito, ela é objecto de esforço pessoal para chegar á perfeição (relativa e evidente)~~



Fundação Cuidar o Futuro

Quanto aos hábitos de trabalho de universitário, dois dados nos pode fornecer o 2º inquerite geral, no que se refere a programas e ao reconstituir das lições.

Des 1879 alunos que responderam, só 937, costumavam traçar programa no início de ano; antes da época de exames eram 1539 os universitários que traçavam programa. Uma primeira conclusão se tira: os universitários sentem necessidade de estabelecer planes naquela época em que, com a preparação de exames, o seu trabalho se encontra acrescido; pelo contrário, no início de ano apenas metade se preocupa em elaborar um plano. Repare-se que a pergunta nada esclarece quanto ao critério e rigor que preside à elaboração do plano, portanto arriscado será extrair outras conclusões.

Quanto ao hábito de reconstituir as lições, dos mesmos 1879, só 214 reconstituem as lições entedadas as cadeiras, 873 fazem-no apenas em algumas, 825 não reconstituem as lições. Este dado por ser impossível relacionar-se com outros também não permite concluir grande coisa. Nada nos diz, por exemplo, que os universitários sejam levados a este procedimento pelo desinteresse pelas cadeiras.

Técnica de trabalho intelectual

Por mais pessoal que seja o método de trabalho, há um conjunto de princípios gerais comuns, cujo desconhecimento conduz a uma maior perda de esforços e inferioridade nos resultados.

Em qualquer profissão há o cuidado de enriquecer o aprendiz com uma técnica que lhe permita facilitar o trabalho. " Em todo o domínio alguma, como observa Kliemann, se coloca o aprendiz na situação de Robinson que na sua ilha deserta teve que experimentar laboriosamente, por si próprio, a utilidade de todas as coisas e descobrir o seu caminho, através de voltas e desvios. Somente, o trabalhador intelectual é abandonado, a maior parte das vezes, à sua sorte, só ele tem de descobrir de novo aquilo que outros antes dele reconheceram, como pratico."

medida que a ciencia avança, a memoria vai-se tornando incapaz de fixar



Fundação Cuidar o Futuro

as informações necessárias a um determinado ramo de conhecimento. Se assim é, o universitário não pode ignorar processos de registo e conservação de notas, sob pena de desaproveitar o tempo de estudo. A memória, por que incapaz de reter tudo o que é necessário tem que recorrer-se de novos métodos e aqueles que os desconhecem estão certamente em condições desfavoráveis.

Um dos processos que quase todos os autores recomendam é o sistema de fichas para registo de livros, revistas, artigos, etc.. Nelas se regista o necessário para identificação do que for objecto de registo e de forma a permitir uma fácil consulta. Por exemplo, queremos tomar nota de um artigo de revista, escrever-se-á o nome do artigo, o autor o nome da revista, o seu ano e número, o lugar onde poderá ser encontrada e ainda se poderá acrescentar, o que se me afigura de grande utilidade, um pequeno resumo do artigo. A ficha é depois catalogada segundo uma classificação inicialmente estabelecida e intercalada no lugar respectivo. É na classificação que residem as vantagens e, simultaneamente, as dificuldades do sistema, porque da classificação depende uma procura fácil ou difícil e esta é a medida de eficiência dos métodos. É evidente que não se torna necessário uma classificação definitiva, só com o tempo ela se pode aperfeiçoar graças às dificuldades que surgem e aos casos que se não integram na classificação primeiramente proposta *e assim a dificuldade de classificação atenuo-se bastante.*

Quanto à forma de tirar apontamentos, também os autores recomendam o sistema de folhas soltas perfuradas que permitem um registo por assuntos. Em qualquer altura se podem completar os apontamentos tirados com notas posteriores. Aconselham ainda que se reservem margens suficientes para se anotar resumos parciais o que facilita a leitura da revisão.

Muitos outros aspectos haveria a referir mas impossível é citar todos eles. Quisemos sómente mostrar que há vantagem em conhecer estas técnicas, e porque podem contribuir para maior rendimento do trabalho intelectual.

A completar uma nota tirada do segundo inquérito geral.

Perguntava-se aos universitários se haviam lido algum livro sobre o método



Fundação Cuidar o Futuro

de estudo e trabalho intelectual e pedia-se-lhes que fosse indicado o nome da -

obra e o autor. Os resultados foram os seguintes dos ~~1879~~ alunos que responderam

Número de ~~estudantes~~ universitários que responderam 1829
Número dos universitários que responderam afirmativamente 293

Número dos que mencionaram o nome da obra 175

Número de obras lidas (com repetição) 215

Número de obras lidas (sem repetição) 49

Só um número reduzido (cerca de 15%) consulta obras deste género. Mais, é tal o desconhecimento dos universitários neste aspecto que alguns dos livros indicados nada se referiam a método de estudo de trabalho intelectual. Feita a correcção necessária, 26 obras foram eliminadas, de 7 nada conseguimos apurar e apenas 16 estavam incluídas na categoria que se pretendia.

Conhecimento das fontes de informação

Mais do que o conhecimento exaustivo de todas as matérias do curso (só por ^{ironia} graça se poderá falar assim) importa que o universitário ao sair da Universidade esteja apto em qualquer altura a preparar trabalhos, tentar novos rumos e isto não apenas para o que pretende dedicar-se à investigação científica, como também para o que deseja desempenhar uma profissão. O universitário deve pois estar familiarizado com as fontes de informação possíveis. Um instrumento de grande alcance encontra-se nos índices bibliográficos que muitas revistas publicam, acompanhados por vezes de apreciações de pessoas competentes. Torna-se possível assim uma actualização, com a cumulativa vantagem de tais indicações virem acompanhadas de críticas com bastante rigor. ^{se} Os índices bibliográficos podem ainda prestar ajuda na formação de bibliotecas.

Referiremos também, dentro deste aspecto, a necessidade do conhecimento de bibliotecas quer públicas quer de organismos particulares, relacionadas com o respectivo ramo de conhecimento. Impossível, como é possuir toda a bibliografia necessária a certo estudo, imprescindível se torna saber onde ela pode ser consultada.



Fechemos este parentesis sobre as condições indispensáveis para que o universitário possa realizar a sua vocação intelectual e passemos a analisar a tarefa que, neste aspecto, cabe à Universidade.

Dois parmenores não podem passar despercebidos:

Primeiro que a Universidade é a última forma organizada de ensino;

Segundo que os hábitos, o método, os conhecimentos das fontes de informação são elementos de trabalho que só por excepção se poderão adquirir por auto-dictatismo.

E, como poderá a Universidade ministrar estes conhecimentos?

Jules Payot recomendava há já alguns anos que deveria existir, a par dos professores das diferentes cadeiras, um professor especializado em método a quem ele chamou um director de trabalhos. A este competiria acompanhar os alunos, através da sua vida de estudo, iniciando-os na maneira de estudar, orientando-os, estimulando-os.

Vejo neste algo de utópico e de não tanta utilidade, como à primeira vista poderia supôr-se. Em primeiro lugar pela dificuldade que este director de trabalhos teria em chegar a todos os alunos, depois, porque seria impossível que ele fosse um bom director para cada aluno. *para cada matéria.*

Parece-me que deverá ser o aluno a procurar quem o oriente e não o contrário; pois, para que uma orientação seja proveitosa exige-se naturalmente uma afinidade de carácter e até uma afinidade ~~de carácter~~ simpatia natural que permitam um contacto frequente e proveitoso.

Parece-me que a melhor solução se enquadra nme das premissas do nosso trabalho — maior colaboração entre professores e alunos. Sem dúvida que os professores são aqueles que estão de posse das técnicas mais aperfeiçoadas em relação ao seu ramo de conhecimentos, eles os que têm hábitos de trabalho intelectual melhor estruturados, os que estão mais actualizados na sua especialidade, logo serão eles ^{também} os mais aptos a informar sobre este aspecto que não é de somenos importância para a função docente.

Mais proveitoso do que os ensinamentos que se podem colher em livros da espe-



cialidade é o conviver de perto com alguém que reflecte o ardor da Verdade, porque
a ^{per} além do conhecimento dos princípios d se recebe o estímulo para a sua concretiza-
ção.



Fundação Cuidar o Futuro

IV- CONCLUSÕES

Ao chegar ao fim do esquema que nos foi dado desenvolver, queremos destacar três pontos que nos pareçam fundamentais para que a Universidade desempenhe, quanto ao ensino, a missão que lhe compete.

São eles:

PRIMEIRO

Que os exames de admissão se tornem obrigatórios para todos os que desejam frequentar o ensino superior quaisquer que sejam as classificações obtidas no ensino secundário e que as provas sejam por forma a permitir avaliar não somente os conhecimentos dos candidatos, mas as suas qualidades intelectuais e morais que assegurem uma Vocação universitária.

SEGUNDO

Que os professores sejam obrigados a reservar uma hora por semana para aulas de convivência - obrigatórias para os alunos dos primeiros anos e facultativas para os alunos de anos mais adiantados.

TERCEIRO

Que se criem na Universidade "seminários" e "centros de estudo" para a investigação científica quer pura quer aplicada a problemas concretos, nomeadamente problemas de interesse nacional.

Terceiro (em alternativa)

Que as aulas teóricas e práticas se restructurem em ^{novas} bases, mais adaptadas às exigências do ensino superior; concretizando:

- que as aulas teóricas sejam, não somente para exposição de matérias, como também para discussão das mesmas.
- que as aulas práticas assegurem um contacto frequente e próximo entre professores, assistentes e alunos.



Fundação Cuidar o Futuro